



Nº IV • Novembro de 2016

Boletim Laço Vermelho

Os professores na luta contra a Aids



Editorial



Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Os professores da rede estadual de São Paulo estão recebendo em novembro o IV Boletim Laço Vermelho, publicação especial da APEOESP para incentivar o debate em sala de aula sobre a importância da prevenção no combate à Aids e outras DSTs.

O Boletim foi lançado em 2011, no Dia Mundial de Luta Contra a Aids, 1º de dezembro, data definida pela ONU em 1987, para conscientizar a população sobre a doença e diminuir a discriminação contra os portadores do vírus HIV.

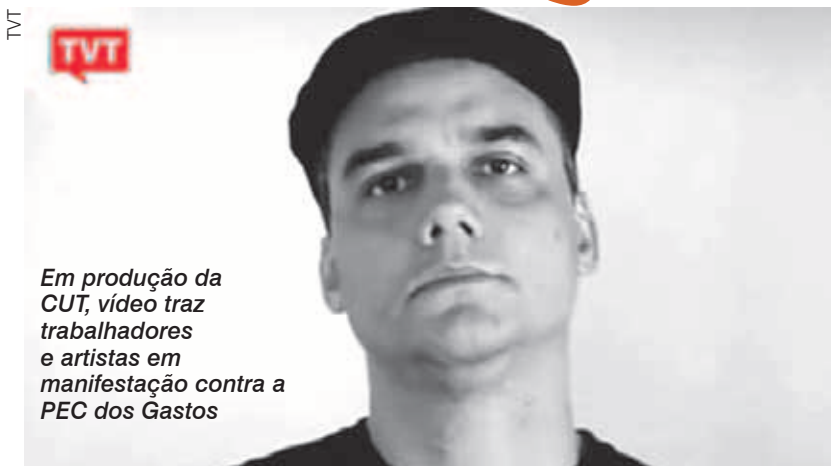
Quase três décadas depois desse marco, o Brasil, infelizmente, enfrenta uma epidemia de sífilis e vê a Aids avançar entre os jovens de 15 a 24 anos, em meio a um retrocesso político que ameaça os investimentos em Saúde e Educação e o diálogo que havia entre a sociedade civil organizada e o governo.

A visível ascensão de ideais conservadores e fundamentalistas afeta a Educação Sexual e prejudica o trabalho de prevenção, que é diretamente relacionado a questões de gênero e sexualidade, temas atacados pelos defensores de projetos como a chamada Escola sem Partido.

É importante destacar o fato de que os novos medicamentos e tecnologias de prevenção podem ficar inacessíveis para a maioria da população, frente ao avanço de propostas conservadoras contra direitos adquiridos e os movimentos sociais, reconhecidamente empenhados na defesa dos direitos das mulheres e da população LGBT, principalmente na questão da Saúde.

Por essas e outras questões, o Boletim Laço Vermelho é uma das publicações lançadas durante o XXV Congresso Estadual da APEOESP e a VI Conferência Estadual de Educação, que ocorrem em Serra Negra entre os dias 22 a 25 de novembro. O tema dos eventos sintetiza a luta dos professores neste momento: na democracia, conquistamos direitos e construímos educação pública de qualidade.

PEC é a mais nova ameaça à Saúde



Doenças graves como Zika e a própria Aids não poderiam ser tratadas, se os brasileiros fossem majoritariamente usuários de planos de saúde, como imaginam os defensores da PEC 55/2016 - ou 241, na numeração da Câmara dos Deputados -, a proposta que congela recursos públicos, inclusive da Saúde e da Educação, por duas décadas.

Isso porque, além de não serem acessíveis a todos os brasileiros, os planos de saúde não cobrem pesquisas, que garantem a evolução no tratamento das doenças. A opinião é de umas das principais referências na defesa da Saúde Pública, a médica Lígia Bahia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“Um país que deixa de considerar mudanças na definição dos orçamentos para a saúde perde

integridade”, avalia a médica que alerta ainda para o fato de que a PEC vai prejudicar uma geração inteira, inclusive de professores e pesquisadores.

Reprovação

“O sacrifício da saúde pública e da ciência e tecnologia foi questionado pela comunidade científica internacional. As conceituadas revistas “The Lancet” e “Science” publicaram depoimentos sobre os possíveis “desastres” da PEC 241, regressão de padrões alcançados de morbi-mortalidade e descontinuidade de pesquisas nacionais estratégicas”, escreve Lígia Bahia no artigo “Saúde, pós PEC 241”.

Pesquisa CUT/Vox Populi divul-


gada em outubro revela que 70% dos trabalhadores também reprovam o congelamento dos gastos públicos previsto pela PEC.

A proposta de limitar os recursos para serviços básicos terá impactos gigantescos. Só no Estado de São Paulo, existem 25.050.889 usuários exclusivos do Sistema Único de Saúde, o equivalente a 58% da população.

Os dados obtidos pelo jornalista Léo Arcoverde, através da Lei de Acesso à Informação, mostram uma recente explosão de dependentes do SUS no Estado de São Paulo. “Mais de um milhão de usuários se incorporaram ao SUS desde 2014”, explica o jornalista.

Se o assunto é saúde, vale lembrar que este é um direito social assegurado pela Constituição Federal de 1988, equiparado a outros direitos básicos, como educação, moradia e transporte, que também serão afetados pela proposta.

A estagnação dos fundos para programas de HIV e Aids, por exemplo, compromete as políticas de prevenção e combate da doença. Segundo dados do próprio Ministério da Saúde, entre 2005 e 2016, o total de brasileiros com HIV em tratamento subiu de 165 mil para 483 mil.



Informação é prevenção: Se você tem dúvidas em relação a sintomas e tratamentos de Aids e outras DSTs, ligue para o Disk DST/Aids: 0 800 - 162 550.

Índice

➔ Racismo reduz tratamento - página 2

➔ A sífilis voltou - página 2

➔ 20 anos sem Caio e Renato - página 3

➔ Todos por um mundo sem HIV/Aids - página 3

➔ Boas notícias página 4

➔ Livros e filmes: arte para entender e prevenir - página 4



Aids: número de casos volta a crescer

Relatório da Unids - Programa das Nações Unidas sobre HIV/Aids - revela que o número de novos casos de Aids no Brasil subiu de 43 para 44 mil, entre 2010 e 2015. O País concentra atualmente mais de 40% das novas infecções por Aids na América Latina.

No mundo todo, existem atualmente cerca de 38,8 milhões de pessoas vivendo com HIV. A pesquisa da Unids indica que a população soropositiva cresceu 18% no Brasil. O País tem 830 mil pessoas com HIV e 15 mil mortes em decorrência da Aids por ano.

Outro dado preocupante revelado pelo relatório da Unids é o fato de que apenas 55% dos brasileiros que têm o vírus causador da Aids são medicados.



Alerta para os jovens

Os jovens formam o grupo com crescimento mais expressivo da doença. A Unids alerta ainda que o aumento dos casos de sífilis, gonorreia e outras doenças sexualmente transmissíveis já é considerado alarmante entre a população de 15 a 24 anos.

No mundo, aproximadamente 2,5 milhões de pessoas de todas as faixas etárias são infectadas por HIV todos os anos. O pico global de contaminação foi registrado em 1997, quando 3,3 milhões de pessoas foram infectadas em todo o mundo.

As informações estão em um estudo

divulgado durante a Conferência Internacional de Aids, que aconteceu no último mês de julho em Durban, na África do Sul. Os conferencistas manifestaram preocupação em relação ao momento crítico de enfrentamento da doença no mundo e enfatizaram a importância de ampliação do acesso ao tratamento e a garantia de direitos na luta contra a epidemia.

Novas drogas têm reduzido a taxa de mortalidade relacionada ao vírus HIV e os soropositivos têm vivido cada vez mais. No entanto, a doença ainda não tem cura e as medidas de prevenção e combate têm que ser intensificadas, para que não haja uma epidemia.

Epidemia: a sífilis está de volta



O Ministério da Saúde admitiu no final de outubro o que os médicos já sabiam: o Brasil enfrenta uma epidemia de sífilis. O mais recente boletim epidemiológico do Governo aponta que, entre 2010 e 2016, foram notificados quase 230 mil casos novos da doença.

Segundo os especialistas, o principal motivo da epidemia é a exposição a situações de risco, como relações sexuais sem o uso de preservativos, e atraso no diagnóstico e consequente demora para o início do tratamento.

A maioria dos casos de sífilis está na região Sudeste; aproximadamente 62,1% das ocorrências, o equivalente a três em cada cinco casos registrados no País.

Há outras informações preocupantes: a incidência de sífilis congênita quase triplicou em apenas 5 anos. Em 2010, a cada mil bebês nascidos, 2,4 eram portadores de sífilis. No ano passado, esse número era de 6,5 bebês em cada mil nascimentos.

Mal silencioso

Outro grande problema é que, devido às características da doença, a maioria das pessoas infectadas pela bactéria *Treponema Pallidum*, não sabe que está transmitindo a sífilis, doença que não provoca grandes lesões nos estágios iniciais.

Relatório divulgado pela Organiza-

ção Mundial de Saúde no último mês de setembro provoca ainda mais preocupação.

Segundo a OMS, a sífilis, a clamídia e a gonorreia, que são as doenças sexualmente transmissíveis mais comuns, estão ficando resistentes aos antibióticos.

Como o número de pessoas infectadas é muito alto, os remédios vêm sendo administrados sem cautela, o que pode tornar as novas infecções intratáveis.

De acordo com a OMS, 200 milhões de pessoas são contaminadas por ano pelas três doenças em todo o mundo e os antibióticos são usados, muitas vezes, indiscriminadamente.

Se diagnosticadas em estágio inicial e tratadas corretamente, essas DSTs são curáveis. Caso contrário, podem trazer problemas graves, como feridas, inflamações e abortos, além de maior risco à contaminação pelo HIV. No caso da sífilis, os danos podem chegar até o sistema nervoso central, em fase mais avançada.

Previna-se:

- Há um teste rápido para sífilis, que é feito a partir de uma gota de sangue do dedo. Em caso positivo, o paciente é encaminhado para confirmação do diagnóstico e tratamento.
- Assim como a Aids, as outras DSTs são transmitidas através de relações sexuais desprotegidas. Portanto, o uso de preservativo é indispensável.

Racismo reduz acesso a tratamento

Em São Paulo, o risco de uma pessoa negra infectada pelo HIV morrer de Aids é 2,4 maior do que uma pessoa branca. No Estado de São Paulo, 21,5% dos negros soropositivos morreram, sem ter iniciado o tratamento.

Os dados foram divulgados durante o Seminário HIV/Aids e Relações Étnicas Raciais, realizado pelo Programa Municipal de DST/Aids de São Paulo no dia 28 de outubro na Escola da Cidade.

Para os especialistas, há um racismo institucional, que pode ser traduzido na ausência de serviços básicos, como o acesso aos tratamentos. “Essa não é uma vulnerabilidade biológica, mas social”, avalia Eliana Gutierrez, coordenadora do Programa do Programa de DST/Aids.

Os dados apresentados durante o Seminário sobre o contágio na cidade de São Paulo apontam que, em cada grupo de 100 mil habitantes, a taxa de detecção da doença é de 21,4 em mulheres negras; 13,4 em pardas 7,3 em brancas. Entre os homens, a ocorrência é de 51,8 em negros; 40,6 em pardos e 30,7 em brancos.

“Esses resultados tornam evidente a relação entre condições sociais e categoria racial com a saúde. Reafirma que a categoria racial é um importante marcador de desigualdade”, explica Margarete Lira, da Coordenação de Epidemiologia da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo



Literatura e música para inspirar e superar

O Boletim Laço Vermelho conta a história de dois artistas inspiradores, que morreram de Aids há duas décadas, mas deixaram obras que traduzem o impacto da doença na cultura pop, principalmente entre os anos 80 e 90.

2016 marca os 20 anos da morte do escritor Caio Fernando Abreu e de Renato Russo, o líder da Legião Urbana. Caio registrou em crônicas sentimentos como esperança e angústia relacionados à doença.

Já o líder da Legião Urbana deixou versos que traduzem a dor e a melancolia que sentia enquanto enfrentava os sintomas físicos da Aids. "Hoje a tristeza não é passageira / Hoje fiquei com febre a tarde

inteira / E quando chegar a noite / Cada estrela parecerá uma lágrima", cantou em "Via Láctea", do álbum "A Tempestade", um dos discos mais vendidos em 1996, ano da morte de Renato Russo.

Assim como a sífilis na Idade Média, que também era cercada de estigmas e considerada uma peste, a Aids despertou debates religiosos e influenciou as artes e a cultura, em um processo que envolveu desde a busca pela cura, a luta contra o isolamento e preconceito enfrentados pelos portadores até a constatação, hoje bastante óbvia, de que todos, absolutamente todos poderiam ser contaminados.

Sindicatos mantêm a luta pela prevenção

Para os participantes, as oficinas realizadas durante o Encontro também foram uma oportunidade para atualizar conceitos e referências da educação em sexualidade e da prevenção ao HIV/Aids.

Preocupação

Os coordenadores do Projeto manifestaram preocupação com o atual momento político, que representa um risco também para as políticas de prevenção e o tratamento da Aids no Brasil.

"A retirada do País da delegação do Fórum de Alto Nível sobre Aids das Nações Unidas, pela primeira vez na história, pode ser o início do processo de desmanche das políticas públicas de saúde", alerta Filippo Almeida, Educador em Saúde.

Para o educador, o fato de uma entidade com a representatividade da CNTE realizar investimentos para manter vivo o debate sobre essa pauta é um incentivo para os professores e outros profissionais que atuam na defesa dos direitos dos soropositivos.

Sugestão de aula: - O filme "Kids", exibido durante o encerramento do Encontro da CNTE, retrata a dura realidade de adolescentes da periferia, expostos ao uso de drogas e à prática de sexo não seguro.

- A Cartilha "Direitos Iguais - Todos por um Mundo sem HIV/Aids" está disponível para download no site da APEOESP.



APEOESP participou, através da sua Secretaria de Políticas Sociais, do Encontro dos Coordenadores Nacionais do Projeto DST/AIDS da CNTE. O tema do evento, que ocorreu em Natal no último mês de junho, deu origem a uma cartilha e cartazes elaborados para as atividades relacionadas ao Dia Mundial de Luta Contra a Aids.

Os professores presentes ao XXV Congresso Estadual da APEOESP, realizado em novembro em Serra Negra, recebem o material, que também está disponível para download no site do Sindicato.

"Todos por um mundo sem HIV/Aids" é o tema, que também norteou a Oficina sobre Educação Integral em Sexualidade, que encerrou o Encontro da CNTE. O objetivo da oficina e do material distribuído é disseminar informações sobre prevenção e engajar os professores na luta contra a discriminação dos soropositivos.



É preciso amar as pessoas

Quando faleceu, aos 36 anos, Renato Manfredini Júnior já havia se tornado um ícone da juventude, como compositor e líder da Banda Legião Urbana. No dia 11 de outubro de 1996, sua mãe, a professora Maria do Carmo, soube pela TV que ele morreria em decorrência da Aids. Ela acreditava que o filho enfrentava uma anorexia nervosa, por não se alimentar.

O músico soube que era portador do vírus HIV em 1990, mas como outros artistas da época, nunca assumiu a doença.

Renato Russo nasceu em Brasília, em 1960, e morou nos Estados Unidos, antes de se mudar para o Rio de Janeiro. Formou sua primeira banda, o Aborto Elétrico, em 1979, durante a Faculdade de Jornalismo, onde compôs algumas de suas músicas que são cantadas até hoje, como "Que País é Este?" e "Química".

Ainda antes de criar a Legião Urbana, em 1982, o músico produziu em sua carreira solo, quando era conhecido como Trovador Solitário, outros clássicos, como "Faroeste Caboclo" e "Eduardo e Mônica".

Renato voltou a cantar sozinho apenas na década seguinte, quando lançou "The Stonewall Celebration Concert", que ele considerava o seu disco de militante. O próprio nome do álbum é uma alusão ao bar nova-iorquino onde, em 1969, homossexuais se rebelaram contra a política e a polícia, dando início ao Movimento LGBT.

O disco, que também tem músicas de Madonna e Bob Dylan, é uma homenagem do compositor ao seu ex-namorado, então recém-falecido, Scott.

Na fase avançada da Aids, um médico acompanhava Renato Russo em seus shows. Nos últimos meses de vida, o artista entrou em depressão e desistiu de tomar os remédios para amenizar os sintomas da doença.

O apartamento onde Renato Russo faleceu, no Rio de Janeiro, está intacto há 20 anos. O Centro de Memória e Informação do MIS vai reunir todo o acervo do artista, encontrado no local, em uma exposição que será realizada em São Paulo, em 2017.

Também no ano que vem, chega aos cinemas "Eduardo e Mônica", filme dirigido por René Sampaio.

Dicas: - A Editora Agir lançou "Renato Russo: o filho da revolução", a biografia do líder da Legião Urbana escrita pelo jornalista Carlos Marcelo.

- "The 42nd St. Band" é um romance póstumo de Renato Russo sobre uma banda ao estilo dos Rolling Stones. O livro acaba de ser lançado pela Cia. das Letras.



Crônicas para curar

"Uma espécie de vírus de direita, e moralista, que só ataca aos homossexuais?", questionava ironicamente o escritor e jornalista Caio Fernando Abreu sobre a Aids na crônica "A mais justa das saias", publicada no Jornal O Estado de S. Paulo em 1987, alguns anos antes que ele próprio fosse diagnosticado com a doença.

Autor de uma obra antenada com a contracultura, o movimento hippie e as bandeiras da juventude e do recém-nascido movimento LGBT, Caio Fernando foi influenciado pelas grandes damas da literatura brasileira, como Clarice Lispector e Hilda Hilst.

Seu livro de maior sucesso foi "Morangos Mofados", publicado pela primeira vez em 1982. Ganhador dos principais prêmios literários em vida, Caio Fernando é hoje, 20 anos depois de sua morte, um dos maiores fenômenos da literatura brasileira nas redes sociais.

O escritor gaúcho faleceu aos 47 anos, no dia 25 de fevereiro de 1996, dois anos depois de ter sido diagnosticado como portador do vírus HIV. Mas, a Aids já frequentava a obra e a vida de Caio muito antes de matá-lo, através de personagens e amigos soropositivos.

A confirmação da doença foi divulgada pelo próprio autor, em uma série de crônicas. "Cartas para além dos muros" foram escritas dentro do Hospital Emílio Ribas, onde o escritor esteve internado, e fazem referência aos muros do Cemitério do Araçá, localizado em frente ao hospital paulista.

As três crônicas são vistas hoje como um significativo registro da experiência física da dor e da iminência da morte na literatura. Na segunda carta, publicada no dia 04 de setembro de 1994, Caio falava de artistas que já haviam sido contaminados pelo HIV, como Freddy Mercury e Cazuzza, mas a doença que o havia levado ao hospital só é mencionada na terceira e última carta da série. O recurso adotado revela a consciência que o autor tinha da repulsa e do julgamento moral enfrentado pelas vítimas da Aids.

"A exposição de sua experiência como soropositivo aponta para uma intervenção política no sentido de combater o preconceito e a exclusão social a que estavam submetidos os portadores do vírus", escreve a pesquisadora Milena Mulatti Magri, estudiosa da obra de Caio Fernando Abreu.

Dicas: - A exposição Caio Mon Amour - Amor e Sexualidade na Obra de Caio Fernando Abreu fica em cartaz até 20 de janeiro de 2017, no Museu da Diversidade Sexual, na Estação República do Metrô.

- A tese de mestrado da pesquisadora Milena Mulatti Magri, "Desencontro e Experiência Urbana em contos de Caio Fernando Abreu" está disponível no Repositório Institucional da Unesp: <http://repositorio.unesp.br/>



Boas notícias sobre o **combate** ao HIV

Notícias sobre a erradicação do HIV têm circulado, desde que testes clínicos no Imperial College London mostraram que um inglês soropositivo foi o primeiro paciente a erradicar o vírus do seu corpo.

Na verdade, o tratamento reduziu o vírus a níveis indetectáveis, mas “a ausência de sinais do HIV no sangue de uma pessoa já diagnosticada não significa que os pacientes foram curados”, explicam os responsáveis pela pesquisa, cujo objetivo é exatamente buscar a cura para o HIV.

A boa notícia é que os especialistas acreditam que, de fato, as novas medicações para HIV vêm fazendo a doença passar de uma sentença de morte para uma condição crônica, mas administrável.

Veja aqui outras boas notícias relacionadas às pesquisas e prevenção de HIV/Aids e outras DSTs:

➔ *Um novo medicamento deve ser distribuído pelo SUS, a partir de 2017, para os pacientes soropositivos que vão iniciar o tratamento e para os que apresentam resistência ao coquetel com três remédios, atualmente disponível. O comprimido dolutegravir vai ajudar principalmente pacientes que sofrem com efeitos colaterais severos, como alucinações e depressão, decorrentes do uso do coquetel.*



Há pesquisas sobre uma proteína que inibe o vírus

➔ *Já está disponível para download um aplicativo que apresenta as medidas que devem ser tomadas após a exposição ao vírus HIV. É o PEPTec, desenvolvido pela professora Lucia Izumi, da Escola de Enfermagem da USP, através de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde e a empresa júnior da Escola Politécnica da USP.*

Voltado para os profissionais da saúde com o objetivo de auxiliá-los no atendimento a pacientes que passam por situações com potencial risco de infecção, o aplicativo contém informações sobre a profilaxia pós-exposição (PEP) para adultos, crianças e gestantes; serviço de geolocalização baseado nos locais onde há

atendimento e as principais dúvidas sobre o vírus.

O PEPTec ganhou o prêmio Márcia Regina Giovanetti na categoria trabalho relevante para resposta paulista frente à DST/Aids em setembro.

➔ *Meninos de 12 a 13 anos poderão ser vacinados contra o HPV, a partir de 2017. A vacina, que já é oferecida às meninas desde 2014, protege os pré-adolescentes contra os efeitos do papiloma, vírus altamente contagioso cuja transmissão ocorre principalmente pelo contato sexual. Se não for tratado, o HPV pode provocar verrugas genitais e até câncer.*

O Ministério da Saúde anunciou também que, a partir de 2017, a vacinação será estendida a homens que vivem com HIV entre 9 e 26 anos. Antes, só as mulheres com HIV desta faixa etária poderiam se vacinar gratuitamente.

Livros e filmes: arte para entender e prevenir



A adaptação cinematográfica de “Pequeno segredo – A lição de vida de Kat para a família Schurmann”, o livro que conta a história de garota soropositiva adotada pela família de viajantes, vai disputar vaga para o Oscar na categoria de melhor filme estrangeiro.

O medo do preconceito levou os Schurmann, família de Florianópolis conhecida por velejar ao redor do mundo, a manter em segredo a condição da filha adotiva, nascida na Nova Zelândia e contaminada pelo HIV pela mãe biológica, que havia contraído o vírus em uma transfusão de sangue.

Após a morte da menina, a mãe Heloisa Schurmann decidiu contar a história para enfrentar o luto; o filho David adaptou “Pequeno Segredo” para o cinema.

A seleção final dos concorrentes será definida pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Os indicados devem ser conhecidos em 24 de janeiro de 2017. A cerimônia do Oscar acontece em 26 de fevereiro.

Veja aqui outras dicas culturais para o Dia Internacional de Luta Contra a Aids

◆ Depois de acompanhar o trabalho do Coletivo Esquadrão das Drags pelas ruas da capital paulista, as jornalistas Roseli Tardelli e Fernanda Teixeira escreveram um livro sobre as ações educativas do quarteto. “Esquadrão das Drags - Arte, Irreverência e Prevenção em Toda Parte” retrata as performances do publicitário Albert Roggenbuck, do cabeleireiro e maquiador Ailton de Almeida, do psicólogo Nivaldo Francisco da Silva e do administrador César Rezende. Produzidos com exuberantes e coloridos figurinos, eles levam à população informações sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, drogas e cidadania. A Agência de Notícias da Aids, fundada por Roseli Tardelli, tem o livro para distribuição gratuita. So licitações através do e-mail mauricio@agenciaaids.com.br.

◆ Lançado no último mês de outubro, o romance “Senhorita Aurora”, de Babi A. Sette, conta a história de uma bailarina brasileira apaixonada por um maestro inglês, que é portador do vírus HIV. Jovem autora de sucessos editoriais, Babi escreveu uma história de amor para falar de uma tema pouco abordado, o chamado relacionamento sorodiscordante, quando somente um dos parceiros é portador do vírus HIV. “Senhorita Aurora” foi publicado em formato de e-book pela Amazon.

◆ Uma mulher transexual brasileira que vive com o vírus HIV há mais de 20 anos e ainda encontra tempo para ser uma ativista tão dedicada ao combate à Aids que torna-se representante do governo brasileiro na Organização das Nações Unidas. Essa é a história do documentário “Meu Nome é Jacque”, dirigido por Angela Zoe. A protagonista é Jacqueline Rocha Cortez, casada, mãe de dois filhos e empenhada na tarefa de combater o preconceito e defender a diversidade.

EXPEDIENTE

Dirigentes responsáveis

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Fábio Santos de Moraes
Vice-presidente

Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Silvio de Souza
Secretário de Comunicações Adjunto

Rita de Cássia Cardoso
Secretária de Políticas Sociais

Ezio Expedito Ferreira Lima
Secretário Adjunto de Políticas Sociais

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Fábio Santos de Moraes

Roberto Guido
Silvio de Souza

Leandro Alves Oliveira
Fábio Santos Silva

Rita de Cássia Cardoso
Ezio Expedito Ferreira Lima

Luiz Gonzaga José
Maria Sufaneide Rodrigues
Francisco de Assis Ferreira
Zenaide Honório

Texto e edição: Ana Maria Lopes - MTb 23.362

Produção: Secretaria de Comunicações da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares